

## “Filhas da Guerra”: uma análise da fala da mulher através do podcast<sup>1</sup>

Amanda ALVES<sup>2</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Luana VIANA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

O artigo em questão traz uma breve reflexão sobre a fala da mulher na mídia, trabalhando com o podcast “Filhas da Guerra”, do Projeto Humanos, afim de questionar a representação e protagonismo do gênero feminino em novas produções radiofônicas. Nosso principal objetivo é investigar como o podcast utiliza as fontes mulheres em sua narrativa, além de observar como a produção trabalha a fala da mulher como elemento fundamentador. Como principal resultado, observamos que, mesmo como protagonista, a fala detentora de conhecimento geral é remetida à figura masculina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Podcast; mulher; jornalismo; fonte; comunicação.

### Introdução

A ausência de imagens e vozes de um Brasil plural representado por meios de comunicação faz com que as mulheres tenham dificuldade de serem visibilizadas no meio social. Hoje, o gênero feminino, que constitui cerca de 51,5% da população<sup>4</sup>, convive com a subalternidade reforçada como coisa natural, desafio que mulheres enfrentam desde a história para que o gênero feminino possa ter seu espaço legitimado e seus direitos de igualdade assegurado em relação ao homem.

Se na sociedade a luta se torna constante, na comunicação as mulheres resistem, principalmente para que possam ter o direito de falar e de serem ouvidas. Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres estiveram presentes assumindo vários papéis, sejam como enfermeiras, atiradoras ou trabalhando em indústrias, elas ocupavam os espaços, só que muitas vezes suas histórias são invisibilizadas, o que conseqüentemente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: [amanda.tavares@aluno.ufop.edu.br](mailto:amanda.tavares@aluno.ufop.edu.br).

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, orientadora do trabalho, e-mail: [lviana.s@hotmail.com](mailto:lviana.s@hotmail.com).

<sup>4</sup> Informação disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho> Acesso em 16 abr. 2019.

---

remeteu a figura estereotipada em filmes e imagens da guerra ser associada pela imagem do homem em campo de batalha.

Dessa forma, discutir sobre essa fala se torna primordial para alçar questões e observar quais dificuldades ainda são realidades, observar o que mudou e o que precisa ser desconstruído para que cada vez mais as vozes femininas estejam presentes falando sobre si e sobre o outro.

Com base nessas informações, nosso artigo tem como objetivo investigar como o podcast "Filhas da Guerra" utiliza as fontes mulheres em sua narrativa. Recorremos, então, à análise de conteúdo como ferramenta metodológica.

Nosso trabalho está estruturado em dois tópicos teóricos: um que faz uma apresentação sobre o atual contexto no qual o rádio está inserido e outro que apresenta alguns tipos de fontes utilizadas em narrativas jornalísticas. Nosso terceiro tópico traz a análise das fontes utilizadas no primeiro episódio do podcast "Filhas da Guerra".

### **Convergência e rádio expandido**

O rádio é uma mídia que está em constante mudança, ele se reconfigura para poder atender a transformações políticas, tecnológicas e sociais que ocorrem ao passar dos anos. Diversos fatos contribuíram para as mudanças dessa mídia, dentre elas a chegada da televisão – que fez com que o investimento publicitário direcionado ao rádio diminuísse resultando na migração de grande parte da equipe técnica para o meio audiovisual – e a expansão da internet, que proporcionou novas formas de se fazer o rádio, tendo em vista que as novas tecnologias contribuem para o desempenho de funções cada vez mais aprimoradas. (PRATA, 2008). Nesse contexto de mudanças, novas linguagens foram surgindo, espaços e público se reformularam. Podemos afirmar que o Rádio não morreu, ele está em constante transformação.

Para compreender melhor as mudanças que ocorreram e que contribuíram para sua transformação em busca da sobrevivência, é importante contextualizarmos, através do viés cronológico, as principais fases que marcam a história do rádio e que foram momentos de constantes reconfigurações do meio. Ferraretto (2012) divide a história do rádio brasileiro em quatro principais fases: (1) fase de implantação, fim da década de 1910 até a metade de 1930, que diz respeito a instalação de estações pioneiras e a regulamentação da publicidade; (2) fase de difusão, que se deu em início da década de

---

1930 até a segunda metade de 1960 correspondendo ao primeiro surgimento da televisão e da transistorização de receptores; (3) fase de segmentação, que vai desde o final da década de 1950 até o início do século XX, correspondendo ao advento da telefonia móvel, da internet comercial, das tecnologias e práticas a ela relacionadas; (4) fase de convergência, que se inicia na década de 1990 e segue até a atualidade. (FERRARETO, 2012, p.6).

Atualmente, o rádio vive a fase de convergência, momento em que podemos encontrá-lo além das ondas hertzianas, compondo-se como um meio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 25), resultado, entre outros fatores, da consolidação da telefonia celular e da internet. Esta última influenciou novos modos de acesso à informação e novos relacionamentos, proporcionando o surgimento de mídias sociais online, portais e sites.

Ao se referir sobre esse rádio que existe para além do suporte e para além das ondas hertzianas, acreditamos que é necessário apresentar sobre o termo convergência. Para Ferraretto (2012), a convergência se baseia em pluralidade. Na pluralidade percebe-se a desconstrução do rádio de massa e a aproximação de um modelo mais horizontal de veiculação da informação, com ouvintes tendo acesso ao conteúdo por diversos suportes.

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas, desde a década passada, o veículo também se amalgama à Tv por assinatura, seja por cabo ou DTH (direct home) ; ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita pela captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em Ondas Curtas, ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas webrádios ou, até mesmo, servindo de suporte alternativo sonoras assíncronas como o podcasting. (FERRARETO, 2007, p.2).

Como visto, a pluralidade é uma das características da fase de convergência. Sobre este contexto, Jenkins (2009) afirma que a convergência não se define em apenas unir múltiplos serviços em um único aparelho, mas “representa uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”. (JENKINS, 2009, p.30).

Fruto dessa fase, temos hoje que o rádio é um meio de comunicação expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), pois sua transmissão não restringe apenas ao sinal de antena,

---

ele migrou para outros meios e se apropria de outras plataformas para difundir conteúdo sonoro, fazendo com que o rádio participe de “um processo de convergência com outros meios de comunicação e com plataformas digitais” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 53). O rádio está presente em *smatphones*, *tablets*, redes sociais digitais, entre outros.

Nesse cenário de pluralidade, onde tecnologias são reinventadas e meios de comunicação perpassam diferentes plataformas, gêneros e formatos apresentam-se cada vez mais híbridos, se intensificando e complexificando suas operações. Inserido dentro dessa cultura de convergência, o podcast surge no final de 2004, configurando-se como um sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros pela internet. O termo deriva da junção do “iPod” (tocador de Mp3 da Apple) e “Broadcasting” (transmissão, sistema de disseminação de informação em larga escala) (KISCHINHEVSKY, 2017).

Essa modalidade radiofônica se complexificou a partir de 2012, quando se iniciou o que o pesquisador Tiziano Bonini intitula como “a era de ouro do podcasting” (BONINI, 2015). O setor de radiodifusão público começou a acolher produções independentes em larga escala, dando autonomia para os jornalistas empreendedores, que passaram a montar pequenas produtoras e assinar acordos de distribuição de podcasts.

Podemos considerar o podcasting como um formato do rádio expandido na internet com narrativas multimídia. Nesse sistema, o ouvinte pode escolher onde e o que vai consumir, podendo ele mesmo alterar o fluxo de consumo da mensagem sonora descentralizando a emissão e recepção, tornando mais amplo o contexto de produção e consumo de conteúdos radiofônicos. Através dele, possuímos acesso a materiais diversificados para variados segmentos e é dentro dessa gama de narrativas que observamos como os gêneros se expressam e como sua expressão pode representar muito da nossa sociedade.

### **Radiojornalismo narrativo**

Falar, expressar, narrar. Tudo na consciência é narrado. A narração é uma das características intrínsecas à estrutura da consciência humana, afirma o psicólogo Julian Jaynes (apud SODRÉ, 2009, p.181). Essa característica inerente ao ser humano é utilizada também no meio de comunicação para que a informação possa ser transmitida com

---

objetivo de prender a atenção do público de forma que este se sinta atraído pela história contada.

Quando essa estratégia é utilizada para informar o público, temos um jornalismo voltado para a narrativa, um jornalismo literário que é caracterizado por trazer elementos narrativos em sua composição. Tal fato faz com que os produtores tenham que aprofundar na busca pela informação para obter “efeitos do real” (BARTHES, 1984. p.136).

Retomando a discussão do tópico anterior sobre podcast, encontramos diversas produções nesse formato que lançam mão da narrativa em suas produções jornalísticas. Como exemplo, apontamos o Projetos Humanos, produção que é autodeclarada um jornalismo narrativo, pois promete contar “histórias reais sobre pessoas reais”. Foi idealizado pelo professor e escritor Ivan Mizanzuk, que busca explorar o storytelling dentro do podcast, uma prática ainda pouco utilizada no Brasil. De acordo com a apresentação do projeto por Mizanzuk,

a grande maioria dos podcasts produzidos no Brasil (e provavelmente no mundo) seguem o formato de “conversa informal”. Juntam-se alguns amigos, grava-se a conversa e lança no feed. O podcast storytelling já possui outra proposta: dedica-se em montar linhas narrativas mais imersivas, nas quais os ouvintes possam ter uma relação mais visceral com a história que lhes é contada<sup>5</sup>.

A técnica do Storytelling utilizada no Projeto Humanos, é construída a partir do sistema no qual o jornalista é o contador (teller) e o fato selecionado (story) é aquilo que será narrado. Dessa forma, “ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens. Tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia” (CUNHA E MANTELLO, 2014, p. 58).

A relação do diálogo que ocorre entre entrevistador e entrevistado dentro de podcasts que se baseiam no storytelling traz olhares e visões do acontecimento que se intercalam, construindo uma narrativa sólida na história. Essa visão particular dos fatos, dá uma amplitude maior ao acontecimento, recuperando as vivências dos personagens.

Montenegro (1994, p. 22) afirma que esse processo de rememoração se torna, muitas vezes, mais rico quando o caminho da abordagem se faz através de um processo diversificado de lembranças do personagem. No caso do Projeto Humanos, Ivan

---

<sup>5</sup> Informação disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/sobre/> Acesso em 14 abr. 2019.

---

Mizanzuk verbaliza suas dúvidas e opiniões enquanto insere outras formas de trazer veracidade ao fato narrado, um valor estimado ao jornalismo. Logo, é um tipo de narrativa na qual

percebe-se que ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo (KISCHINHEVSKY, 2017, p.12).

Ao mesmo tempo em que “contar histórias” contribuir para a construção de um novo formato, a linha de narração é utilizada desde o século XIX pelo jornalismo tradicional, onde se trabalhava com histórias de interesse humano. Ainda hoje, o relato está em evidência. Sendo assim, podemos entender o fluxo de programação radiofônica como uma tentativa de estabelecer uma grande narrativa – ou uma mega estrutura de discurso ou macrotexto (MEDITSCH, 2001, p.195-199) que busca não só narrar o fato por si só, mas dar coerência e partilhar aos ouvintes uma narrativa detalhada, imersiva, de interesse público.

Em toda grande história é preciso eleger personagens. Nas narrativas jornalísticas é necessário eleger fontes para que, a partir dos relatos e acontecimentos, seja possível reviver, reforçar e recuperar memórias para transmitir o fato ao seu público. Dessa forma, nasce o seguinte questionamento a partir do podcast Filhas da Guerra: em que medida falar do acontecimento a partir do gênero, legitima uma narrativa? No próximo tópico faremos uma apresentação das classificações de fontes jornalísticas para compreender as escolhas feitas para compor a narrativa do nosso objeto de estudo.

### **Fontes no radiojornalismo**

A escolha das fontes, quem diz e como diz, e seu local de fala, estão presentes em grande parte da literatura relativa às teorias do jornalismo. (KISCHINHEVSKY, 2017, p.3.) É nesse sentido que Van Cuilenberg (1999) afirma que a promoção de diferentes vozes contribui para a ordem social, promove liberdade de expressão e abre caminhos para que os indivíduos possam expressar insatisfações sociais.

---

Pensando em pluralidade e diversidade de fontes, abordaremos uma breve classificação por alguns autores referenciais das teorias do jornalismo. O primeiro é Gans (1980), que organiza fontes por tipos. O autor propõe a divisão entre fontes institucionais, oficiais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas, afirmando que os agentes utilizados na notícia representam seu posicionamento na estrutura social.

Lage (2001), por sua vez organiza as fontes em: primária, secundária, pessoais, institucionais, documentais, oficiais, oficiosas e independentes. “Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas” (LAGE, 2001, p.65).

Especificamente para o radiojornalismo, Ferraretto (2014) propõe a classificação a partir de duas modalidades: internas e externas. As internas correspondem equipes de reportagem, enviados especiais, editores, apuração, correspondentes. Já as externas correspondem a assessoria de imprensa, informantes, agências de notícias, internet.

As que serão analisadas neste estudo a partir do recorte das categorias, são as fontes Especialista, que para Sponholz (2008) correspondem às pessoas que detém um saber específico ou organização possui determinado conhecimento reconhecido; Fonte Testemunha, que representa aquilo que viu e ouviu como observadora ou participante do fato (Lage, 2001: 67); Fonte Notável que seriam indivíduos que transmitem credibilidade ao público (SCHMTIZ, 2011), Personagem que seria uma pessoa com discurso voltado a relatos individuais/pessoais e fonte Interna, que corresponde à equipe da produção do conteúdo jornalístico.

O que nos motiva nessa pesquisa é observar quais papéis as mulheres representam quando são escolhidas para serem fontes jornalísticas. Acreditamos que mesmo quando uma fala é ampliada, ela ainda é ouvida de forma desigual. A primeira mulher e jornalista a ser ouvida no rádio é Maria Beatriz Roquette Pinto, filha do então fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (ZUCULOTO E MATTOS, 2017, p. 6). Historicamente, os homens se sobressaíram na constituição do rádio brasileiro, enquanto a presença das mulheres eram marcadas por ocuparem papéis como “cantoras de rádio” e participantes secundárias de produção e trabalho.

Quando a mulher passou a fazer parte das equipes de rádio, suas funções eram restritas à “cozinha” do rádio, como são chamados os espaços e funções do

---

jornalismo que, no caso radiofônico, são as que não vão ao microfone. Coincidentemente, este ditado levou para o rádio o ditado popular preconceituoso de que, lugar de mulher é na cozinha. (ZUCULOTO E MATTOS, 2017, p.8)

Essa relação entre comunicação e sociedade diz muito sobre como o gênero é representado. Díaz Bordenave (2005, p.9) acredita que a “comunicação não pode ser melhor que a sociedade e nem esta melhor que sua comunicação (...) Cada sociedade tem a comunicação que merece. Dize-me como é a tua comunicação e te direi como é a tua sociedade”. Dessa forma, conclui-se que se temos meios de comunicação de massa que excluem a voz da mulher, igualmente temos uma sociedade que lhe dá pouco espaço.

Percebe-se, então, que para falar é preciso ocupar um lugar legitimado de fala, fato que para as mulheres passou a existir ao final da Segunda Guerra Mundial, segundo Provenzano (2009), momento em que o gênero feminino passou definitivamente a ocupar lugares na sociedade que até então eram preenchido pelos homens. Elas estavam ali durante a Segunda Guerra mundial, assumindo vários papéis sejam de enfermeiras, atiradoras ou trabalhando em indústrias. Mulheres, enfermeiras, cozinheiras, trabalhadoras em indústrias bélicas. Por que não ouvi-las?

E é no meio jornalístico, onde saber ouvir e trabalhar as fontes em suas diferentes categorias se torna primordial para se fazer notícia de forma que represente o público. Pois, se todos falam sob a mesma ótica, há apenas um enunciador presente na notícia (BENETTI, 2007).

### **“O mal puxa o mal”: uma análise da seleção das fontes**

Com a finalidade de atingir o objetivo dessa pesquisa que consiste em investigar como o podcast "Filhas da Guerra" utiliza as fontes mulheres em sua narrativa, recorreremos à análise de conteúdo como ferramenta metodológica. Tal método é usado para descrever e interpretar diversos conteúdos, afim de reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão dos significados para além do senso comum. Segundo Lasswell (1927:1936) ela nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e descreve com precisão o que era/é dito sobre um determinado tema, num determinado lugar, num determinado espaço.



---

Através da análise de conteúdo é possível observar diversos elementos presentes em uma mesma informação, viés importante considerando o contexto de expansão da informação presente no rádiojornalismo contemporâneo que propomos observar através do podcast estudado. De forma sucinta, Herscovitz define AC como um:

método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-se em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicações (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).

A autora também defende que essa metodologia possui melhores resultados quando empregada à análise quantitativa (contagem de frequência do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos e contextos onde aparece).

Como objeto de análise, selecionamos o primeiro episódio da primeira temporada do podcast Filhas da Guerra, produzida pelo Projeto Humanos. Com narrativas que buscam focar no interesse humano e explorar a história de personagens, a primeira temporada do projeto estreou em 2015. Contém cinco episódios ao todo e conta a história Lili Jafe, uma senhora judia de origem Iugoslava.

Os episódios são construídos pelas lembranças da vida de Lili tanto na Iugoslávia quanto em Auschwitz. Todo o contexto de narrar se dá pela oralidade que Ivan Mizanzuk, o jornalista do projeto, traz ao podcasting: ele narra sua percepção em relação a personagem, traz outros personagens para contar a história, como o funcionário do Museu do Holocausto e as filhas de Lili. Há toda uma construção dos fatos relacionados, com rica descrição do ambiente e situação para dar sentido a narrativa. O episódio analisado se denomina como “O mal puxa o mal<sup>6</sup>” e tem 39 minutos e 03 segundos de duração.

Para realizar nossa análise, definimos como operadores alguns tipos de fontes jornalísticas e observamos se foram utilizadas para compor a narrativa do primeiro episódio. Nossa proposta é observar se os seguintes tipos aparecem:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e01/> Acesso em 15 abr. 2019.

- 1) Especialista – um especialista em determinado assunto é utilizado para dar depoimento sobre determinado assunto;
- 2) Personagem – atua como protagonista do acontecimento;
- 3) Testemunha – atua como testemunha do acontecimento principal;
- 4) Documentos sonoros – uso de áudios históricos no podcast;
- 5) Notável – de conhecimento público, que passa credibilidade;
- 6) Interna – faz parte da produção na reportagem;

Tendo essa categoria de fontes como uma das características norteadoras da pesquisa, vamos utilizar a análise de conteúdo que será capaz de apontar tendências e perspectivas a partir da realidade observada. Abaixo, apresentamos um quadro com os resultados encontrados:

<b>Unidade de Registro</b>	<b>Unidade de Análise</b>	<b>Quem?</b>
<b>Tipos de Fontes</b>	Especialista	Carlos Reis
	Personagem	Lili Jaffe
	Interna	Domenica Mendes Gabriela Giannini
	Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe
	Documentos Sonoros	Filipe Figueiredo
	Notável	Jô Soares

Fonte: elaboração própria

Cada uma das fontes desenvolveu uma função característica na construção da história. Lili Jaffe, fonte personagem, buscou a todo momento contextualizar a sua vida, não só como indivíduo único, mas em contato com o mundo. O coordenador do Museu do Holocausto, Carlos Reis, é uma fonte especialista e trouxe um olhar técnico sobre a história do Iugoslávia.

Domenica Mendes e Gabriela Giannini, consideradas fontes internas, trouxeram ao podcast uma narrativa mais detalhada a partir de questões políticas do local, aliando

seus depoimentos a documentos sonoros que traziam veracidade ao relato. A presença da fonte notável está nos trechos onde contém áudio do apresentador e escritor Jô Soares em sua entrevista com Lilli, quando ela participou de seu programa na televisão. O uso da fonte notória traz um ar de relevância social, já que o relato de uma figura pública contribui com a credibilidade da narrativa.

Já as fontes testemunhas são compostas por Noemi e Stella Jaffe, filhas de Lilli. A protagonista recorria constantemente a suas filhas buscando auxílio para a tradução de suas falas para o português. Ambas atuavam ativamente no processo de lembranças dos acontecimentos, além de contribuírem ativamente com seus relatos individuais como filhas da personagem principal.

Com base em nossa análise, observamos que o primeiro episódio utiliza fontes plurais para construir e dar sentido na história pessoal, focando na personagem e sua vivência na guerra. Destacamos que por mais que o protagonismo seja de uma mulher e que toda a construção do podcast se baseou a partir do relato dela, percebe-se que quantitativamente as fontes do sexo masculino homens tiveram mais espaço de fala no produto, sendo que uma única fala masculina chegou a 1 minuto e 37 segundos. Já o maior áudio das fontes femininas contabiliza até 60 segundos. Disponibilizamos abaixo um quadro com a contagem das falas:

<b>Unidade de Registro</b>	<b>Unidade de Análise</b>	<b>Quantas falas?</b>
Gênero das fontes	Homem	76 vezes
	Mulher	64 vezes

Fonte: elaboração própria

Com base no quadro acima, observamos que, mesmo que os homens sejam minoria em quantidade de fontes, as mulheres falam menos do que eles. Como uma das nossas principais observações apontamos o fato do jornalista Ivan Mizanzuk recorrer a uma fonte especialista do sexo masculino. Em uma narrativa sobre mulheres, feita por mulheres, usar um homem como especialista marca um lugar de fala que reflete uma sociedade patriarcal: o homem é o único detentor do saber técnico sobre o assunto em

---

questão, o único que fala com propriedade e passa credibilidade a partir do seu conhecimento.

Como resultado da nossa análise, identificamos que mesmo que a protagonista da história seja uma mulher, sua fala acaba sendo legitimada por um homem que tecnicamente assume uma postura de detentor do conhecimento. Nota-se que por mais que existam esforços das mulheres em seus relatos para quebrar uma representação majoritariamente masculina nas narrativas sobre guerras, o protagonismo ainda acaba se voltando ao gênero masculino. Tal fato nos mostra a necessidade e urgência em continuar refletindo sobre os lugares ocupados pelas mulheres nas mídias.

### **Considerações finais**

No decorrer desse artigo, compreendemos como o rádio se transformou e continua se transformando na atualidade. Esse meio de comunicação não morreu, pelo contrário: expandiu-se para variadas plataformas, reinventando-se e mostrando maior capacidade de resiliência quando comparado a outras mídias. Ele se adaptada as nossas atuais necessidades de acesso à informação, pluralizando-se para além das ondas hertzianas e, conseqüentemente, fazendo surgir novos formatos sonoros nas produções jornalísticas, como é o caso do radiojornalismo narrativo.

Entendemos o podcast como um novo formato nesse contexto de rádio expandido. Observamos como esse tipo de produção carrega as potencialidades de um meio plural para se pensar no contexto social, de forma que nele há um espaço onde permeia a possibilidade de fala ampliada. O primeiro episódio da temporada “Filhas da Guerra”, nosso objeto de estudo neste artigo, é um exemplo de como a produção poderia recorrer a fontes exclusivamente compostas por mulheres para dar espaço ao protagonismo feminino em uma narrativa sobre a guerra. Entretanto, observamos como o planejamento e execução do podcast reflete o espaço destinado a mulher na sociedade por um estigma machista: ocupar um posicionamento sempre secundário.

A proposta do podcast, a primeira vista, nos parece romper com esse estigma do padrão da imagem masculina sobressair em narrativas relacionadas à segunda Guerra Mundial, mas, após a análise, observamos que ao utilizar uma fonte especialista, o

---

jornalista recorreu a uma figura masculina, que atuou como detentor de conhecimento legítimo, reduzindo a narrativa à mesma padronização de tantas outras. Afinal se estamos produzindo podcast com mulheres e para mulheres, por que não utilizá-las como fontes especialistas? Há muito a ser desconstruído para que a igualdade entre gêneros seja uma realidade na sociedade e que a mesma reflita na nossa comunicação. Mas é preciso falar, é preciso ouvir as mulheres. E o mais importante: dar e atribuir espaço para elas assumirem o papel de protagonista da sua e de outras histórias, seja em diferentes fontes, espaços ou meio de comunicação.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O efeito de real**. O rumor da língua. Lisboa: Edições 70, 1984, p.131-136.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia. N. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

BONINI, Tiziano. **The “Second Age” of Podcasting: reframing Podcasting as a New Digital Mass Medium**. Quaderns del CAC, 41, vol. XVIII, jul. 2015.

CUILENBERG, Van. **Media Policy Paradigm Shifts: Towards a new Communication Policy Paradigm**. European Journal of Communication. 18. (2), 2003.

CUNHA, Karenine; MANTELLO, Paulo. **Era uma Vez a Notícia: Storytelling como Técnica de Redação de Textos Jornalísticos**. Comunicação Midiática, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é a Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21**. In: Anais do XXX Congresso Brasileiro de Comunicação. Santos: Intercom, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – Teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luis Artur. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil**. Revista EPTIC Online, v. 14, n. 2, maio-ago, 2012.

GANS, Herbert. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Vintage, 1980.

HERSCOVITZ, Heloíza. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

---

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. In: Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: SBPJor, 2017.

LASSWELL, Harold. **"The Theory of Political Propaganda" in American Political Science Review**, vol 21. Chicago: University of Chicago Press, 1927.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular/Ed. da UFSC, 2001.

PRATA, Nair. A webradio como ferramenta educacional. In: TONINI, Adriana Maria; SILVA, Washington (Org.). **Mídias na Educação e práticas educativas**. 1ed.Ouro Preto: CEAD/UFOP, 2016.

PRATA, Nair. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular. 2008.

PROVENZANO, Bruna. **A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul**. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SPONHOLZ, Liriam. **Neutralizando conhecimento: como jornalistas lidam com experts**. Brasília: Sociedade e Estado, 2008.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles. **As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualização para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina**. In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: Intercom, 2017.